

# REVISTA ILUSTRADA

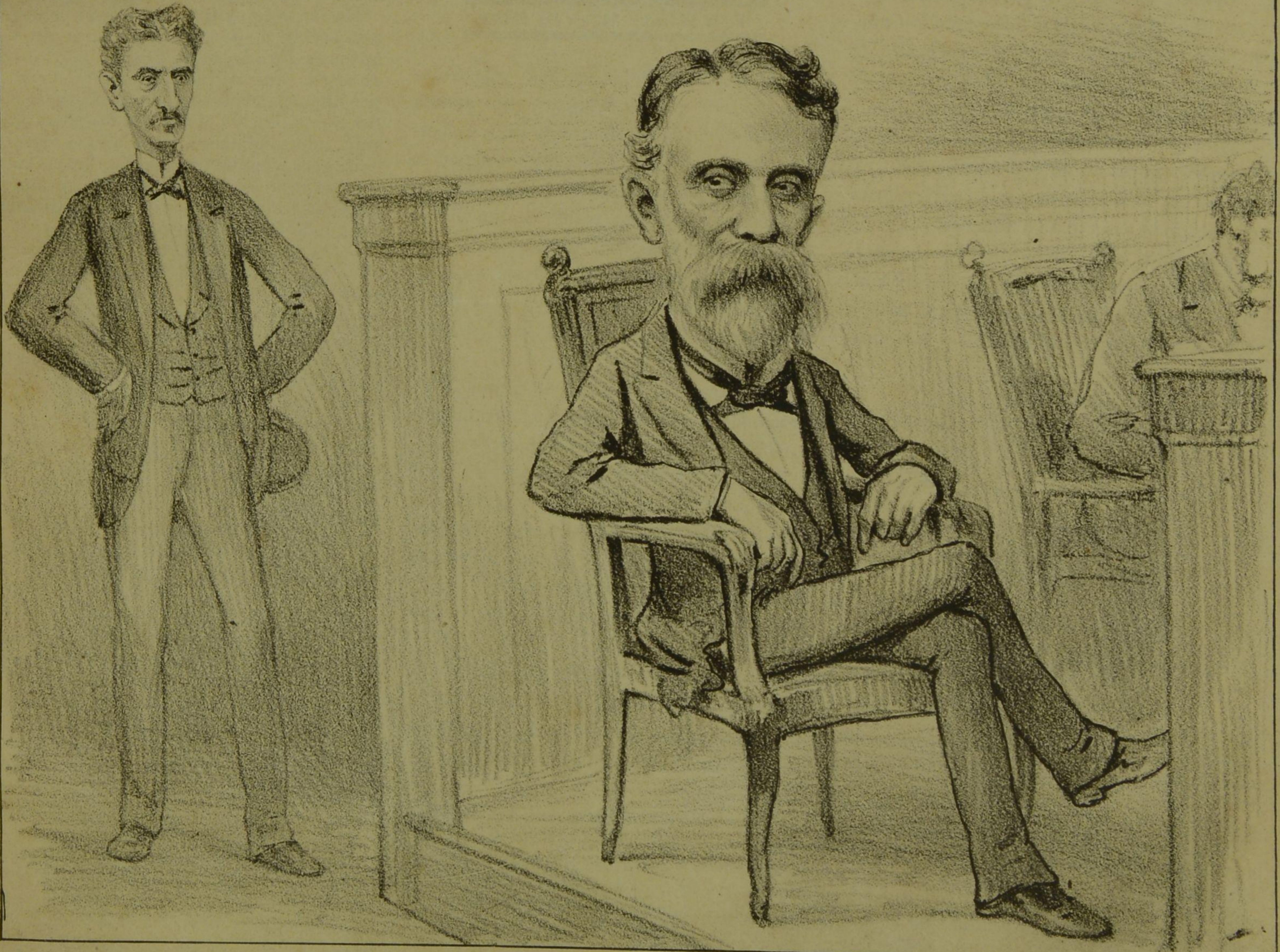
### CORTE

ANNO	16 \$000
SEMESTRE	9 \$000
TRIMESTRE	5 \$000

**PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.**  
 A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas  
 À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO

### PROVINCIAS

ANNO	20 \$000
SEMESTRE	11 \$000
AVULSO	1 \$000



O novo senador por Minas, Manoel José Soares.  
 Cesario Alvim - Isto já me cheira a pouca vergonha! Seis vezes!!!! já que não me  
 querem, eu também não quero mais...



Rio, 7 de Julho de 1888.

ESCRITORIO E REDACÇÃO,  
RUA DE GONÇALVES DIAS, 50, SOBRADO

## COMMISSÃO DA IMPRENSA

Tem tido o mais entusiastico acolhimento, da parte dos nossos collegas da imprensa oriental e argentina, a commissão da imprensa fluminaense, que foi assistir ás festas de 9 de Julho em Buenos-Ayres.

Essa commissão, que se compõe dos Drs. Paranhos Pederneiras, (*Jornal do Commercio*) Dermeval da Fonseca (*Gazeta de Noticias*) e Fernando Mendes, (*Diario de Noticias*) tem sido muito obsequiada.

Uma commissão de jornalistas argentinos foi, expressamente, a Montevidéo, receber os nossos collegas, prodigalizando-lhes toda a sorte de attentões.

Folgamos, que d'esta convivencia entre jornalistas argentinos, orientaes e brasileiros, nasçam, para os respectivos paizes, relações indestructiveis de affectuosa amizade.

Taes são os nossos votos.

*Julio Verim*

## POBRE REPUBLICA!

Sob este titulo publicamos, ha dias, um artigo, muito verdadeiro, sobre a tolerancia e a cumplicidade dos principaes republicanos com a escravidão.

O facto não admitta a minima contestação, e, felizmente, está na consciencia de todos.

Passou-se sob as vistas do paiz inteiro.

Mal andou, pois, o Sr. Antonio Wernek, advogado republicano na Parahyba do Sul, em tomar um dos nossos periodos, onde não puzemos o nome de ninguem e declarar que isso se entendia com S. S.

O que dissemos nós? Que na Parahyba do Sul os principaes republicanos se prestavam a serem os advogados dos senhores contra os escravos, e notoriamente na celebre tragedia que ali se deu.

O que diz o Sr. Antonio Wernek?

Transcrevamos:

« O unico facto em que interferi n'aquelle acontecimento foi a defeza (do senhor) que produzi perante o jury.»

E, mais abaixo:

« Recebi do meu trabalho parcos honorarios.»

Se tivéssemos pedido ao Sr. Wernek uma confirmação da nossa affirmativa, S. S. não o poderia ter feito em termos mais decisivos.

Os republicanos estavam do lado dos senhores contra os escravos, ora defendendo estes, para os tirar do jury e serem castigados nas fazendas, ora aceitando a defeza dos senhores, accusados de assassinatos de infelizes victimas da pirataria...

Para um partido que quer regenerar a sociedade e libertar os brancos, é muito triste essa confissão!

Ainda uma vez repetimos, e sempre com maior convicção:

— Pobre republica!

JULIO VERIM.

## FIRMINO MONTEIRO

Falleceu terça-feira ultima, repentinamente, este distincto pintor, um artista apreciado por todos os que prezam as bellas artes e um moço, em cujo coração se aninhavam os mais puros sentimentos.

Firmino Monteiro tinha já um nome bemquisto e bastante popular, que lhe provinha da execução de alguns quadros de merito, taes como o *Vidigal*, a *Fundação da Cidade do Rio de Janeiro* e outros.

Ultimamente, trabalhava n'uma téla, destinada a grande successo, commemorando o grandioso facto da abolição.

A morte, colhendo-o de improviso, privou-nos de um dos melhores talentos da geração moderna, de um amigo a quem, devéras apreciavamos, e de uma obra, que a todos enchia de curiosidade.

Triplíce face dolorosa, de uma mesma dôr!

Nas paginas da *Revista* já publicamos, em 1882, o retrato do laureado artista.

N'esse mesmo numero, (29 de Abril de 1882) viu a luz o seguinte artigo:

« Mas não esqueçamos os vivos pelos mortos... »

A *Revista Illustrada* reproduz hoje a *Fundação da Cidade do Rio de Janeiro*, a esplendida téla do Sr. Firmino Monteiro de que eu, por mais de uma vez, me tenho occupado.

Fui, mesmo, o primeiro a dar o alarme d'esse grande quadro, que o Rio de Janeiro hoje admira.

A *Revista Illustrada* tiuha n'isso o em-

penho de um vaticinio; quando, ha trez annos, o Sr. Monteiro expoz o seu quadro *Exequias do Camorim*, nós dedicamos-lhe algumas palavras de animação, augurando n'elle um artista muito além do commum. Vemos, hoje, que não fomos mau propheta; a sua ultima obra colloca-o notavelmente, acima do par.

Elle, entretanto, só bem tarde desconfiou de que era um artista. Antes de entrar para a Academia, o pequeno Antonio Firmino, encadernou livros n'uma officina da qual, aos vinte annos, chegou a ser director. Mas, então, ou porque o couro lhe cheirasse mal ou porque os *in-folios* lhe causassem horror, o encadernador deixou de bom grado a officina e fez-se alumno do Instituto Pharmaceutico, depois do Conservatorio de musica... Jeronymo Paturot, á caça de uma profissão, nem as pilulas nem os sustentidos nem os Deve — e — Haver o seduziram; e eil-o, finalmente, na Academia de Bellas-artes, para de lá sahir senão já um artista celebre, mas como Minerva armada para a conquista. Depois...

Depois, trabalhou e trabalhou muito, aqui, na Europa e trabalha sempre...

Ha mezes, quando eu fui pela primeira vez ao seu *atelier*, na esperanza de ver apenas a *Fundação da Cidade do Rio de Janeiro*, fui agradavelmente surpreso por uma galeria completa. E' que, para limpar os pinceis, depois do trabalho, elle suja, adoravelmente, uma téla d'alguma paisagem que lhe trota no cerebro... Anda sempre apressado. Outro dia, eram 3 horas da tarde, elle voava para S. Domingos, onde foi esconder o seu *atelier*.

— Aonde vaes, com tanta pressa?

— Vou pintar uma coisinha *d'après nature*.

— A esta hora?

— E' a unica hora em que ainda não pinte, e vou aproveitar os effeitos da tarde, que promette estar magnifica.

Com todas essas qualidades, é, todavia, modesto, como não ha exemplo. Na vespera de abrir a sua exposição discutindo-se no escriptorio d'esta folha sobre o seu grande quadro, alguém lhe notou um quasi nada.

— Tens ahi a tua caixa de tintas? Empréstam'a, diz elle ao meu companheiro, ainda é tempo...

E tudo isso, elle diz e faz satisfeito, alegremente. Porque, muito contrariamente ao habito fastidioso da maior parte dos nossos artistas, o Sr. Firmino Monteiro não choraminga a sua sorte de artista e nem se lamenta da falta de gosto do publico, nem maldiz o momento em que se fez pintor, «n'uma terra em que o governo só cuida de politica» nem descre; nem desanima, não. Elle crê, confia, trabalha e é um artista.

Não vão agora pensar, por esse preito que eu lhe rendo, que o Sr. Firmino Monteiro é estrangeiro, não. Elle é brasileiro, nascido na muito heroica cidade de S. Sebastião.

A *Revista Illustrada* tambem é patriota — quando é tempo. — JULIO DAST.



Escrevem-nos :

« Sr. Redactor. Permitta que por meio do seu jornal eu faça uma errata á noticia, extrahida de uma folha republicana, sobre ter suspendido a sua publicação, ha quasi um mez, o bello jornal *Cidade do Rio*.

Effectivamente, como diz a tal noticia, « suspendeu a sua publicação, na *Côrte*, um jornal; esse facto é importante; prova que esse órgão não encontrou o apoio do povo, e é uma boa lição a quem supposera a seu talante, dirigir a opinião publica. »

Tudo isso, que diz o órgão republicano, é verdade; sómente o jornal, a que se refere, está de perfeita saude, não é a *Cidade do Rio*, mas uma folha republicana, a *Gazeta Nacional*, que ha pouco passou d'esta para melhor.

Proponho, pois, que na tal noticia, dando conta da morte de uma folha e regosijando-se com isso, onde se lê *Cidade do Rio*, leia-se *Gazeta Nacional*.

E eis ahi, ás vezes, como se volta o feitiço contra o feiticeiro!...»

E' verdade! E nós que nem tinhamos dado por isso!...

\* \* \*

O ministerio da agricultura publicou um relatorio sobre o estado da escravidão, pela ultima matricula de 30 de Março de 1887, que contém dados importantes para se julgar do poder e da influencia da maldita instituição.

Todo o movimento se refere a dezoito provincias e ao municipio neutro. No Amazonas não foi matriculado escravo algum e no Ceará, muito poucos, em territorio limitrophe com o de outra provincia.

Por esses mappas vê-se que o numero de victimas da escravidão era de 723.419 — um povo!

Os sexos figuram em proporção quasi igual. Uma differença pequena e a mais, para o masculino.

D'esses 723.419 individuos, pertenciam á profissão agricola 611.195.

Mas, onde se vê a perversidade e immoralidade da escravidão, é na estatistica dos estados.

D'essa legião de setecentos mil individuos, eram solteiros 632.210,—a quasi totalidade.

Ah! pensando n'esse numero, a gente não tem remedio senão regosijar-se, ainda uma vez, com a aurea lei de 13 de Maio— e bemdizer os seus promotores.

Um povo de solteiros! Horror... Não é preciso dizer mais nada!

DOMINÓ.

## Carlos de Laet

Por divergencias de opiniões, deixou o cargo de folhetinista do *Jornal do Commercio* o primoroso cultor das letras, Sr. Carlos de Laet, que, n'aquella folha, ha muitos annos, redigia a apreciada secção *Microcosmo*.

Sentiremos, de todo o coração, que se ausente da imprensa um collega em quem reconhecemos, sempre, illustração, talento e cavalheirismo, embora, ás vezes, estivessemos em desaccordo sobre politica ou religião.

Carlos de Laet é um d'esses jornalistas, que, com delicadeza, dizem sempre o que pensam. Este, o seu grande elogio.

Houve época em que nós admiravamos o seu heroismo em se mostrar sympathico á abolição, em pugnar por essa grande causa — que hoje é de todos.

Se o nosso collega não occupar, de novo, um posto na imprensa — o que não cremos — e algum dia quizer discretear sobre qualquer assumpto, teremos como subida honra, dar hospitalidade á sua valiosa collaboração.

### MADRIGAL GASTRONOMICO

*Lastimam-se algumas bellas  
Que, após o 13 de Maio  
Teem de ir bolir nas panellas  
E, quasi teem um desmaio...*

*Não ha razão para isso;  
E, lucra o bom paladar  
Que as damas prestem serviço  
Ao que nos dão de jantar.*

*Nem é grande dissabor  
Não poder, a toda a hora,  
Pela rua do Ouvidor  
Vêr quem passeia e namora.*

*Não se perde a dignidade,  
Por se vêr um cosinhado!  
Tem sua sublimidade,  
Podeis crer, um frango assado.*

*Até aqui, as cosinhas  
Andavam ao Deus dará;  
Mas, hoje, terão rainhas  
E o «menage» lucrard.*

*Maridos attribulados,  
Cheios de magoa e de azia  
Contra a sôpa e os quizados  
Já não fallam todo o dia!...*

THOMÉ JUNIOR.

## CONTOS TRANSPARENTES

### Lucta de Gigantes

(Continuado do n. 502)

Poucos dias depois, a nova planta já tinha mais de um palmo de altura e começava a apresentar uma attitude insolente. Em cima, o gomo, como uma cabecinha resoluta, talvez desmiolada, mas erecta e activa. Dos lados, duas folhas, dois verdadeiros braços partindo do tronco, em attitude expressiva, levantados para o céu, como se acompanhasssem alguma phrase, pouco mais ou menos, como esta:

— Santo Deus! Ninguém contava commigo, mas cá estou! E hei de mostrar para quanto presto!

O céu, indifferente, como sempre, ás luctas barbaras, ás injustiças e ás tragedias, que na face da terra se representam todos os dias, parecia nada ver, ou por outra, reconhecendo a sua impotencia, disfarçava ou fingia não dar fé da provocação.

O certo é, que, nenhum raiosinho, mesmo modesto e sem estrepito, vinha como nos bons tempos mythologicos, fulminar o mal e reduzir a cinzas essa audaciosa existencia, que, sugando a vida n'um seio amigo, preparava-se para a-phyxiar o seu bemfeitor.

Por vezes, uma brisa tenue ou mesmo um vento mais forte, fazia balouçar a parasita, talvez com o desejo ingenuo de a prostrar. Com boa vontade, podia-se enxergar, n'esses golpes de vento, uma revelação da Providencia, tentando desraizar a planta damninha.

Ella, porém, balouçando para um lado e para outro, tomava a expressão humana de quem se nega formalmente a alguma cousa e até parecia dizer:

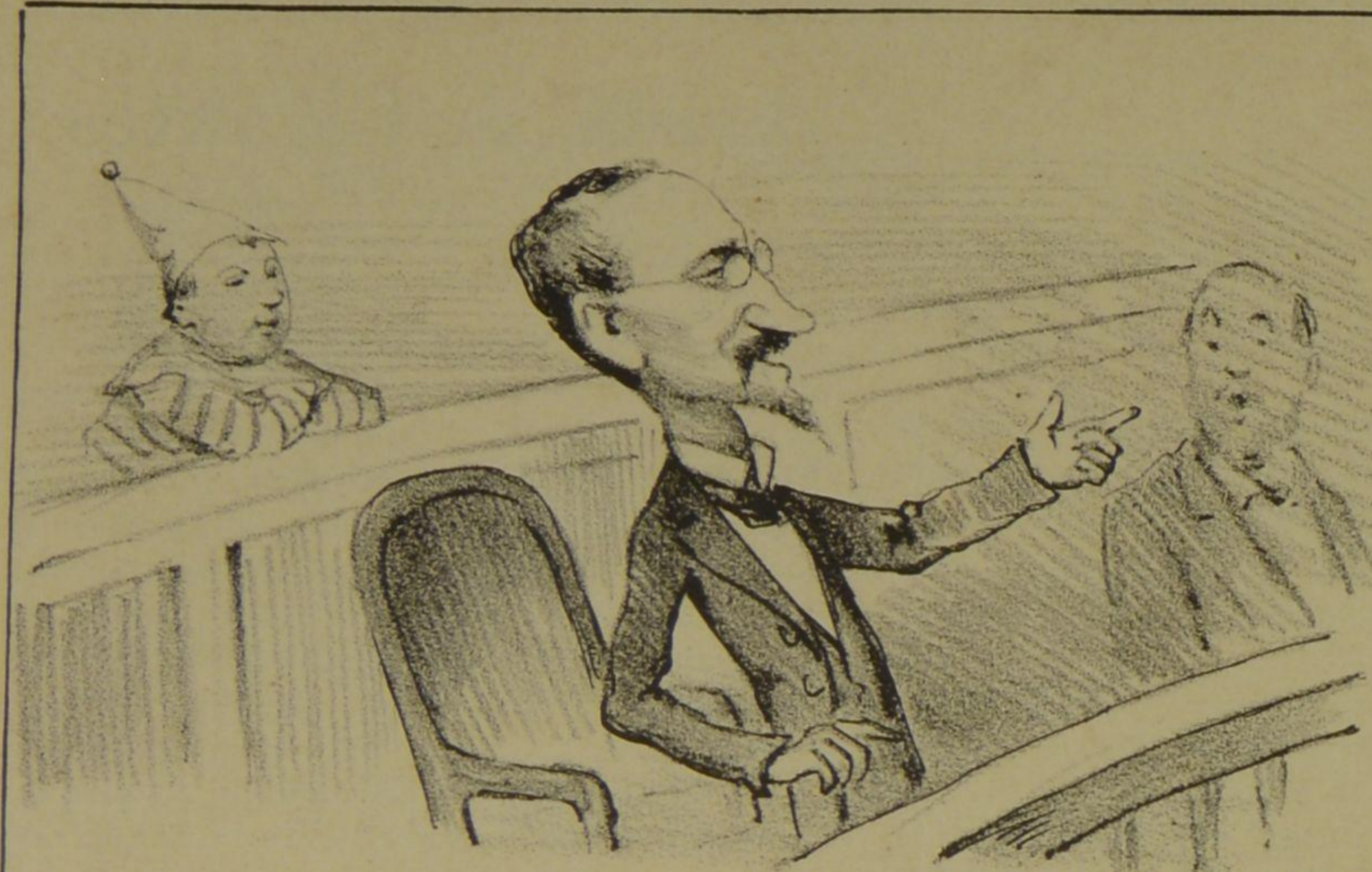
— Não! não vou assim com duas... rajadas. Aqui estou e aqui fico!

A verdade, porém, é que essas insignificantes manifestações da colera celeste, eram contraproducentes, servindo á parasita como de gymnastica, que lhe desenvolvia as forças. A's vezes, mesmo, uma raiz que se embaraçara n'alguma rugosidade, com esses movimentos conseguia attingir um ponto melhor da présa, favorecendo-lhe assim o desenvolvimento. Tambem quando o gomo se prendia nas resinas naturaes, impedindo as folhas de desabrocharem, eram essas manifestações da colera dos céus, que, pelo seu impulso, despegavam os órgãos respiratorios da nova planta, dando-lhe novos elementos de vida.

Muito difficil, pois, de comprehender a acção da Providencia, n'essas luctas cégas e crueis, que diariamente se passam no seio da natureza!

Do que não restava a minima duvida, era de que a nova planta prosperava a olhos vistos, crescia, tomava corpo, engrossava e enraizava-se sobre a arvore secular.

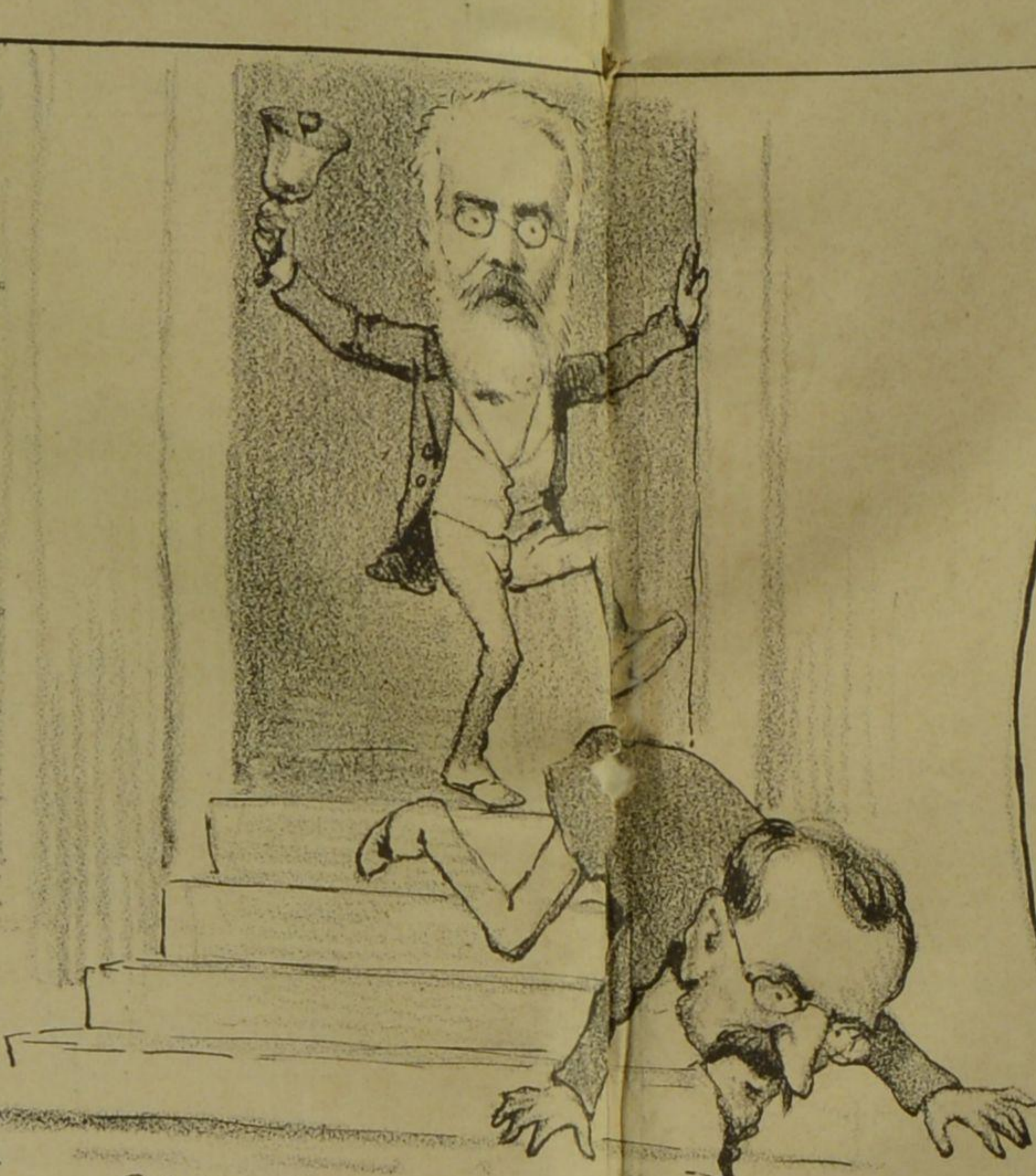
A lucta do bem e do mal estava ali perfeitamente caracterizada, e gozando d'essa neutralidade criminosa, que se observa sempre, da parte dos poderes sobrenatu-



O Sr. Mac-Dowel, com todo o descaramento, entrou na questão das "escuras" que elle quiz por ás claras, (phrased sua) tratando de provar que esses hediondos cubiculos são muito sanitarios... para quem soffre da vista, e até proprios para a meditação!!!!  
 Mas, o que ficou claro é que á sua intelligencia de rabulata, reúne a desfaçatez audax do cara-dura!



O que sentimos devéras é que elle não as tenha experimentado, por algumas horas, para fallar com verdadeiro conhecimento de causa e apreciar bem os efeitos da sua estúpida crueldade!



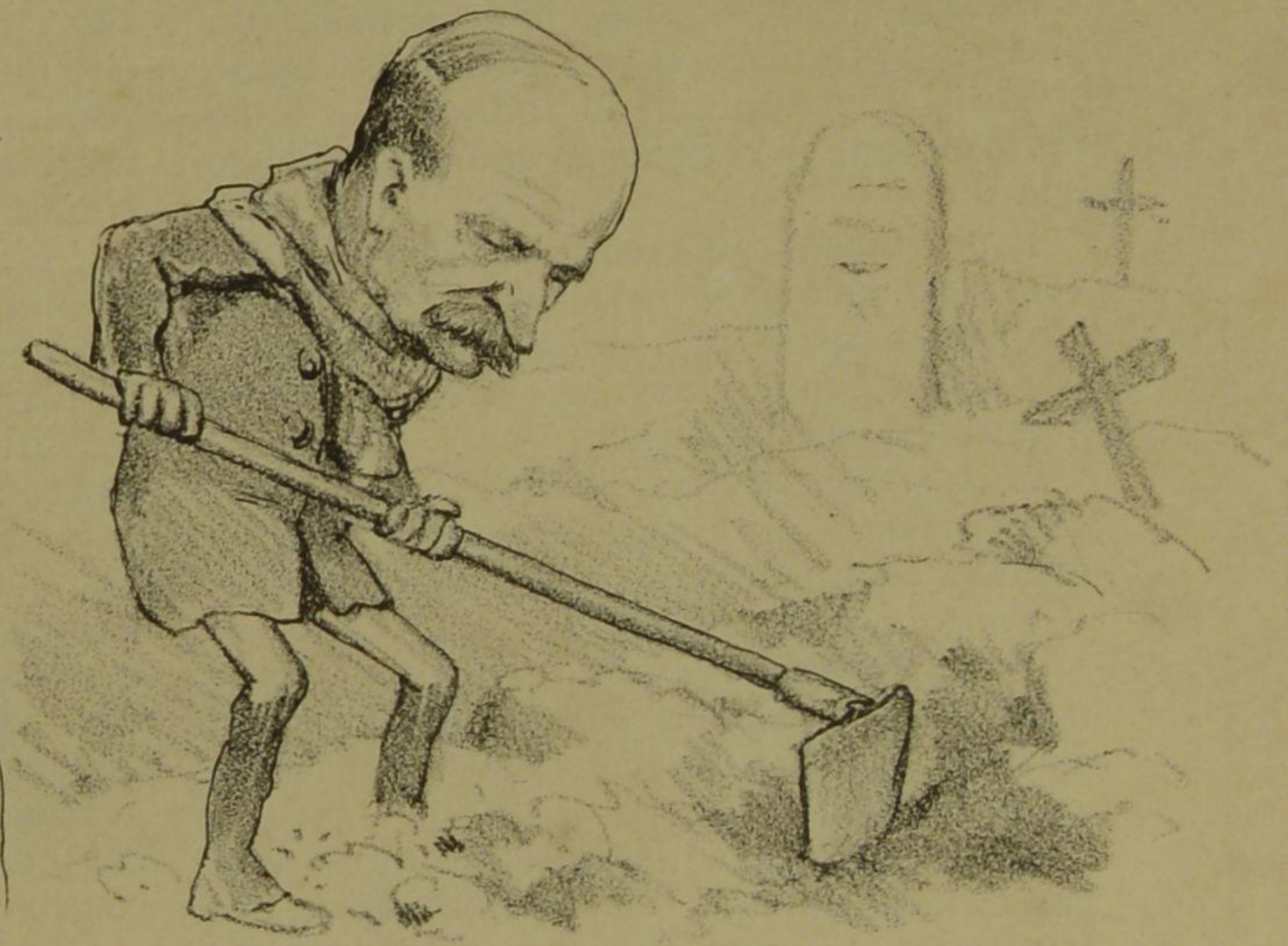
Relatando os factos da boficia do Sr. Coelho Bastos, S. Ex.<sup>a</sup> cara-Dura mentio com tanta desfaçatez, que, o digno presidente da camara, que devia ter feito, era pôl-o, muito alicadamente, no olho da rua.



As pessoas que extranharem esta nossa linguagem, temos a dizer que ella é toda par-lamentar. Como prova trancrevemos um trecho dos debates:

DEBATES DO PARLAMENTO

S. T. — V. Ex.<sup>a</sup> é um ladrão confesso; tenho as provas aqui no bolso.  
 S. V. — E V. Ex.<sup>a</sup> é uma pustula que hei de espremer aqui!  
 Vozes — Oh! oh!  
 Pres. Ordem, ordem, attenção!  
 C. de R. — O nobre deputado J. R. é um villão!  
 Vozes Oh! Oh!  
 J. R. E o nobre deputado C. de R. é um covarde!  
 etc. etc.  
 O Sr. Presidente suspende a sessão.



No Senado, parecendo ao Sr. Silveira da Motta que a commissão tinha enterrado o projecto de indemnisação do seu compadre Colegipe, S. Ex.<sup>a</sup> procura exhumal-o.



Os fructos pendentes. Para o lavrador sensato, o fructo pendente é o café, que elle trata de colher, como bóde.



Para os lavradores politicos são as licas eleitoraes e republicanas, ou o famoso projecto de indemnisação. O Sr. Colegipe quer fingir que é bananeira que ainda pode dar cacha. E á sombra da dita bananeira, remem-se os novos republicanos á espera do fructo pendente.



Afinal, todos esses republicanos agricolas, reconhecerão, mais um peu leard, que foram victimas de uma grande molecagem.

raes, que tantos crentes veem sempre intervir — nos palcos — em favor da virtude perseguida ou do bem humilhado.

Confesso que essa prosperidade da planta damninha, e esse patronato tacito ao mal, me enchiam de indignação e me revoltavam, porque eu já sabia aonde isso iria dar.

E passou-me pela cabeça a ideia de investir-me dos poderes de uma providencia *ad hoc*, e de mandar um trabalhador trepar-se na grande arvore e arrancar de lá a *parasyta* assassina.

Mas... não havia ali trabalhador algum disponivel e eu tinha de seguir para as minhas occupações...

Consolei-me, pensando :

— Pois quero vêr no que vae dar tudo isto! Serei ao menos a testemunha ocular da cumplicidade dos céus em tão grande injustiça!

Aconteceu que, durante um anno, não passei mais por ali, e já nem mais me lembrava da lucta, que vira esboçar-se, quando um dia, meus passos me conduziram, de novo, para o theatro d'esse pugilato vegetal.

— Santo Deus! exclamei de longe, desconhecendo já o aspecto da grande arvore.

Tudo estava mudado!

Os galhos superiores da grande arvore, estavam mirrados, ostentando uma folhagem anemica e amarellecida.

Em compensação a parasita adquirira uma grande cópa frondosa, que transbordava de viço e frescura, que se balouçava com petulancia, cobrindo a grande arvore e tirando-lhe o sol, — novo Alexandre a quem Diogenes, não tinha a audacia de dizer :

— Não me tires o que não podes dar-me!

Fiquei attonito!

Era certo! O mal prosperava, a injustiça engrandecia, a iniquidade vivia á custa dos direitos alheios.

De novo me assaltou á mente, a ideia de fazer justiça por minhas mãos, ou pela lamina de alguma machadinha.

Mas, não! Quero vêr o desenlace d'esse grande combate!

O quadro, que as duas arvores offerciam á vista já era muito impressionador. Como a natureza tem luctas cégas e selvagens, passadas em meio da sua magestática indiferença!

A parasita já tinha maior desenvolvimento do que os ramos superiores da grande arvore, todos reunidos. Ella já formava uma cupola, verde e viçosa, que monopolisava a luz e o calor do sol, e as suas folhagens iam além da circumferencia, que os ultimos ramos da grande arvore desenhavam em torno.

Mas, aonde o quadro se tornava sinistro e cruel, era na lucta das raizes da parasita, com o tronco nodoso do gigante, levantando-lhe a cásca, como que arrancando-lhe a pelle, para lhe beber o sangue.

Do tronco da parasita partiam já grossas raizes, do diametro de pulsos, que se estendiam e curvavam-se, como serpentes, bem unidas ao tronco principal. D'ahi, as raizes, chegadas a certo ponto espalavam-se como grandes mãos, das quaes se bifurcavam outras raizes secundarias,

que, á semelhança de dedos gigantescos se cravavam na grande arvore.

Era horrivel de vêr-se, esse attentado. Em torno do tronco, a diversas alturas, oito ou dez d'essas mãos gigantescas, pareciam querer suffocar a vida do gigante florestal. E muitas d'essas mãos assassinas tinham uma completa configuração humana, formando uma grande palma, da qual sahiam cinco dedos gigantescos, que, todos, se congregavam na barbara missão de estrangularem o seu bemfeitor.

N'um ponto ou n'outro via-se que a grande arvore reagia.

Sentindo-se ferida, a sua casca empolava, deixando á raiz parasitaria o lugar que ella attingira e ferira, mas, cicatrizando-se dos dois lados, e tentando isolar o curso da seiva d'essas novas bocças sugadoras.

Mas, acontecia, que as raizes espalmadas da parasita, sentindo lugar vago, cada vez se alastravam mais.

Que lucta implacavel!

(Continúa.)

J. V.

## CHARLES MONSELET

Os jornaes francezes, noticiam o fallecimento d'este eminente chronista, cinzelador da graça e do estylo, um dos escriptores mais delicados, mais talentosos, e mais captivantes, que a França tem produzido.

As suas chronicas, finas, humoristicas, enriqueceram as paginas de dezenas e dezenas dos melhores jornaes, conquistando um grande renome ao auctor.

Monselet era um mestre do estylo e pode-se dizer que gosava de uma mocidade eterna. Suas chronicas tinham sempre a frescura e o *entrain* de uma primavera.

Litterato de fina tempera, poeta delicado e original, o seu bom humor, achava sempre ensejo de casar esses raptos da imaginação com algum acepipe culinario, dando-se ares de grande gastronomo, elle, que só o era realmente das bellas e coloridas imagens, dos ditos meigos e espirituosos, do colorido, da graça e do estylo!

Quem o lesse, com as suas referencias constantes aos pratos da moda, havia de julgar que elle vivia para a arte das cassarolas e dos *menus*. Mas, qual!

A verdadeira gastronomia era a do seu espirito brilhante, insaciavel sempre das phrases e das imagens vividas, que faziam das suas chronicas o mais attractivo dos acepipes espirituaes.

Monselet deixa varios livros de folhetins, modelos de graça e de espirito, aonde, para sempre, as gerações novas irão beber esse conforto, que os grandes talentos espalham, com prodigalidade, nas suas obras adoraveis.

Não mais o teremos, n'essa prodigalidade de joias litterarias!

Como simples soldado do mesmo exercito, fazemos-lhe d'aqui, a continencia de vida aos marechaes.

Nosso coração fica de lucto.

## A raça dos Catões

Mais um catonismo do Sr. Andrade Figueira : agora que o *calembourg* é olhado com desdem e tido como uma prova de espirito banal, o illustre deputado da Barra Mansa dedica-se a essa gymnastica e, por amor d'ella, affronta a impopularidade.

Em uma das ultimas sessões, a proposito dos bancos agricolas, disse S. Ex. :

— O meu espirito é *creator*. Eu não *aboli* nada!

Ora, francamente, é difficil saber onde se anicha esse espirito *creator*, pois o deputado em questão, nada mais tem feito do que botar abaixo projectos e verbas dos governos, assim como tudo o que se referia á abolição.

O programma de S. Ex. é reduzir o functionalismo á metade, cortar todos os auxilios do governo, mesmo ás empresas uteis. Se fosse seguido, quantas familias na miseria e que desolação por todo o Brazil! O vapor não sulcaria os nossos rios nem a locomotiva faria ouvir o seu silvo estridente, pelos sertões, despertando o homem.

Só sabemos de um só ponto em que o espirito *creator* de S. Ex. se tenha revelado : em crear peias ao abolicionismo. Ha de concordar, porém, em que perdeu o tempo e o feitio.

Mas, ha ainda outra face do seu pensamento. S. Ex. não aboliu nada, nada quer abolir!

Que heroismo! Se S. Ex. tiver o *beriberi*, por coherencia, ha de querer conservar-o.

A miseria! Qual, S. Ex. nunca a querará abolir.

Os crimes, os assassinatos? E' bom conservar essas tradições de um liudo passado!

Os açoites nos escravizados? S. Ex. fez tudo para conservar esse specimen da pureza nacional.

Por amor de um trocadilho, dizer tamanha tolice, só mesmo de um Catão que protesta contra o parecer em favor da abolição, e, dias depois, dá um, em cinco minutos, a favor dos bancos agricolas.

Sublime coherencia!...

S. Marcial

## Fertil imaginação

Um amigo nos conta um facto estu-pendo.

Ahi pelo interior ainda se vendem escravos. Santo Deus! Como é isso?

E' a verdade.

Entretanto, esse trafico de carne humana, não tem mais os horrores dos antigos tempos.

O negocio versa sobre as certidões da matricula.

Ha sujeitos que as compram a 20\$ e a 30\$, esperando que, se se votar a indemnisação, possam receber do thesouro, por esses papeis sujos, o valor da tabella Saraiva-Cotegipe.

Alguns ex-proprietarios, aliás sensatos e possuidores de dezenas d'esses papeisinhos, teem-n'os vendido, a 30\$ e até a 50\$, cada um.

O papel, é facto, representa uma creatura humana; mas, quer-nos parecer que esse trafico de gente, ficará em puro platonismo.

Indemnisação?

Qual! Quando se falla n'isso todos dizem — que só o ex-escravo tem direito a ella.

Continuem, pois, esses agiotas a comprar os documentos da matricula, porque estes, na sua qualidade de papeis, ainda lhes poderão servir na vida — para algum aperto.

RAUL.

## OS PALHAÇOS

Heroes da gargalhada, oh nobres saltimbancos,

Eu gosto de vossês,

Porque amo as expansões dos grandes risos francos

E os gestos de entremez;

E, préso, sobretudo, as grandes ironias,

Das farças joviaes,

Que em visagens crueis, imperturbaveis, frias

A' turba arremessaes!

Alegres histriões dos circos e das praças,

Oh, sim, gosto de os ver

Nas grandes contorsões, a rir, a dizer graças

Do povo enlouquecer;

Ungidos para a lucta heroica, descambada,

De giz e de carmim,

Nas mimicas sem par, heroes da bofetada,

Titães do trampolim!

Correi, subi, voae n'um turbilhão phantastico

Por entre saudações

Da turba que festeja o semi-deus elastico

Nas grandes ascensões,

E, no curso veloz, vertiginoso, aereo,

Fazei por despertar

Na face trivial do mundo egoista e serio

A gargalhada alvar!

Depois, mais perto ainda, a voltear no espaço,

Pregae-lhe, se podeis,

Um pontapé furtivo, oh lividos palhaços

Luzentes como reis!

Eu rio sempre ao ver aquella magestade,

Os tragicos desdens,

Com que nos divertis, cobertos de alvaiade,

A troco de uns vintens!

Mas, rio ainda mais dos histriões burguezes,

Cobertos de europeis,

Que tomam, n'este mundo, em longos entremezes,

A serio os seus papeis.

São elles almas vãs, consciencias rebocadas,

Que, emfim, merecem mais

O commentario atroz das rijas gargalhadas

Que, ás vezes, dispareas!

Portanto, é rir, é rir, hirsutos, grandes, léstos

Nas comicas funcções,

Até fazer morrer em desmanchados gestos,

De riso as multidões!

E eu, que amo as expansões dos grandes risos francos

E os gestos de entremez,

Deixae-me dizer isto, oh nobres saltimbancos:

Eu gosto de vossês!

GUILHERME DE AZEVEDO.



## PELAS CORRIDAS

Muito brilhantes, as corridas de domingo ultimo, no Prado Villa-Izabel!

Concurrencia enorme, animação e contentamento geral.

As archibancadas, povoadas pelo que a nossa sociedade tem de mais distincto, e o bello sexo, amplamente representado, alegrando tudo aquillo, com os seus toiletes alegres e a sua graça arrebatadôra...

Tudo indicava uma festa sem senão, quando um grupo de desordeiros, começou a fazer grandes tropelias.

Todos esperavam da auctoridade, que presidia a diversão, um procedimento correcto, mandando prender esses seis ou oito perturbadores da ordem.

Mas, qual! A auctoridade parecia estar gostando e não deu signal de vida.

Como comprehender isso?

E' impossivel que o digno ministro da justiça e o chefe de policia, consintam na permanencia de uma auctoridade, que assim procede.

Estavamos arranjados, se tal systema pegasse!

Tambem o *Sport-Club* realisou na quinta-feira, no seu hypodromo da Villa-Guarany, uma corrida que esteve brilhante e animadissima.

Amanhã realiza o *Jockey-Club*, a sua corrida do grande premio.

Deve ser uma festa esplendida.

Não faltaremos.

João da Cruz



## Polytheama

Conforme estava annunciada, estreou n'este theatro a famosa *troupe* gymnastica, equestre e acrobatica, dirigida pelos celebrados artistas Irmãos Amato. Póde-se dizer que o Rio de Janeiro affluio em pezo ao Polytheama, enchendo-o litteralmente.

Desde a apresentação da companhia estrugiram na sala palmas e bravos que se prolongaram até o numero final do interessante programma.

O elenco artistico é variadissimo e habilmente escolhido, pelo que é digno de louvores o seu organisador e representante da empresa n'esta côrte, o Sr. Alfredo Cattaneo.

D'entre os artistas que estream, são dignos de menção, pelos seus bellos trabalhos — a familia Nagels, que foi muitissimo victoriada; — o *clown* Perez, que esteve engraçadissimo; — as irmãs Strakay, nos seus bellos exercicios gymnasticos; — o equilibrista Guillaume e, finalmente, o *clown* Gabriel ou *tony* o imbecil, que trouxe o publico em constante hilaridade, tornando-se o seu predilecto.

O Sr. Amato apresentou seis bellos puros arabes, perfeitamente amestrados.

Mas, o grande successo da noite foi o *Jockey Inglez*, graciosamente desempenhado por Mlle. Rosita de la Plata, uma formosissima argentina que, durante o seu surpreendente trabalho, manteve os espectadores n'um verdadeiro delirio de aclamações e flôres.

Emfim, basta dizer que a excellente *troupe* nos deixou agradabilissima impressão pelos seus trabalhos, apparatus, luxo e gosto.

\* \* \*

Chegou a Montevideo o actor Coquelin, que ali teve brilhante recepção.

\* \* \*

Em fins de Julho ou principios de Agosto teremos a Patti, no Pedro II.

Preparem-se os amadores!

\* \* \*

A companhia portugueza tem continuado a dar boas recitas.

Concurrencia e applausos a valer.

Valle e Silva Pereira, verdadeiramente endiabrados.

Remedio certo contra a mysantropia!

\* \* \*

Os irmãos Carlo, que o publico já conhece, inauguram, brevemente, um circo, onde darão divertidas diversões.

BINOCULO.

# LA AVISPA

PRECIO  
**15**  
CÉNTIMOS

AÑO V

NÚM. 196.

MADRID 30 DE MAYO DE 1888

PRECIO  
**15**  
CÉNTIMOS

## HOMENAJE



Á.S.A.I. la Regente del Brasil, por  
su decreto de abolicion de la esclavitud, felicitan  
sincera y respetuosamente,  
Los pueblos civilizados.

Reproduccão da 1ª pagina do jornal de Madrid, "La Avispa", com-  
memorando a Lei de 13 de Maio.